

BOLETIM DE CONJUNTURA

86

2016

3º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

peessoas ao serviço

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

O setor do calçado português não deixou de sentir o abrandamento da conjuntura económica nacional e internacional mas, mesmo neste contexto, as respostas empresariais ao inquérito de conjuntura relativo ao 3º trimestre de 2016 deixam sinais positivos.

Contrariando as expectativas do trimestre anterior, a produção continuou a crescer, com mais empresas a indicarem um aumento da produção do que uma diminuição. Também o emprego e o estado dos negócios deram mostras de alguma melhoria, a que se contrapõem os resultados menos positivos da carteira de encomendas. A maior preocupação da indústria continua a ser a insuficiência de encomendas do estrangeiro que, neste trimestre, foram prejudicadas por condições climatéricas desfavoráveis. Os preços mantiveram-se estáveis mas algumas empresas preveem um decréscimo no próximo trimestre.

Embora permaneçam otimistas quanto ao estado dos negócios no último trimestre do ano, as empresas são cautelosas nas suas expectativas que sugerem que o setor poderá abrandar ligeiramente o seu desempenho.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

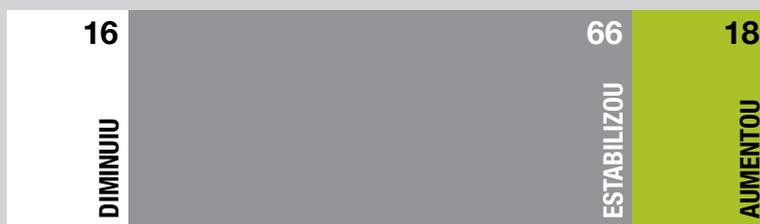
Com o apoio do programa COMPETE

Coordenação Técnica

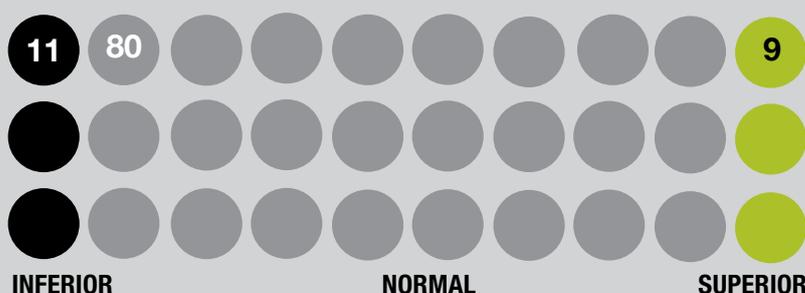
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

A tendência positiva da produção, registada ao longo do segundo trimestre, manteve-se neste terceiro trimestre de 2016: foram mais as empresas inquiridas que indicaram ter aumentado a sua produção (18%) do que as que disseram o oposto (16%). Este saldo de respostas extremas (s.r.e.) foi acentuadamente positivo entre as pequenas empresas (+31%) e tanto mais favorável quando maior a vocação exportadora das empresas.



Utilização da Capacidade



No que toca à utilização da capacidade produtiva, mais de três quartos das empresas (80%) consideraram que foi normal para a época do ano. Em linha com o que responderam relativamente à produção, 31% das empresas de pequena dimensão indicaram uma utilização da capacidade acima do normal para a época, resultando num s.r.e. claramente positivo (+16%) e muito superior ao registado para o conjunto dos inquiridos.

Carteira de Encomendas

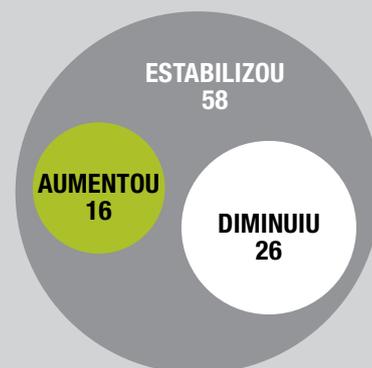
Depois da recuperação observada no trimestre passado, a carteira global de encomendas registou um decréscimo. Embora mais de metade das empresas (60%) tenham respondido que as encomendas estabilizaram, um quarto disse que tinham diminuído, originando um s.r.e. significativamente negativo (-10%). Entre as empresas orientadas para o mercado nacional ou moderadamente exportadoras, não houve qualquer registo de aumento das encomendas.

Como já é habitual, a tendência das encomendas do estrangeiro andou a par da carteira global de encomendas. Assim, face ao trimestre anterior, registou-se também uma diminuição no s.r.e. das encomendas provenientes do estrangeiro. Vinte e seis por cento das empresas inquiridas indicaram que a carteira diminuiu e apenas 16% disseram ter aumentado. As empresas que responderam ter estabilizado foram, no entanto, mais de metade (58%).

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



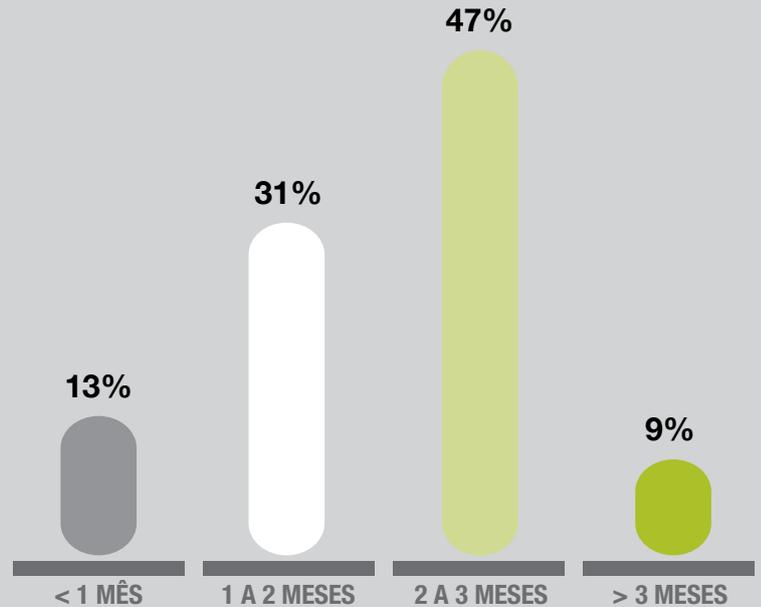
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

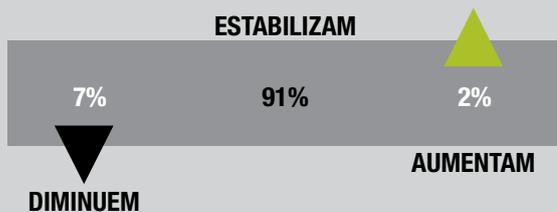
Apesar da tendência de diminuição da carteira, para mais de metade das empresas a produção está assegurada por um período superior a dois meses: 47% das inquiridas indicaram ter produção garantida para 2 a 3 meses e 9% para mais de 3 meses. Ainda assim, 13% de empresas responderam ter produção assegurada para menos de um mês. As empresas de pequena dimensão foram as que indicaram ter produção assegurada por menos tempo e, por contraposição, as de grande dimensão assumiram, na totalidade, ter produção para mais de 2 meses.



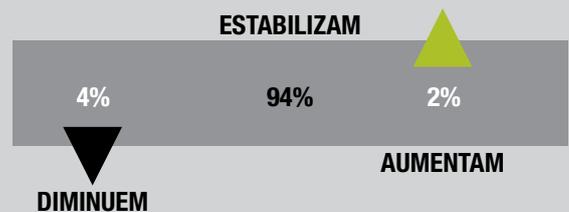
Preços

A tendência de estabilização dos preços que se tem observado ao longo dos últimos anos voltou a ocorrer no terceiro trimestre. Mais de 90% das empresas inquiridas responderam que os preços, quer em Portugal, quer no estrangeiro, se mantiveram inalterados. Ainda assim, houve um agravamento do s.r.e. nos dois casos, passando de nulo no trimestre passado para -5%, no caso dos preços em Portugal, e para -2% no caso dos preços no estrangeiro. As escassas indicações de aumento dos preços no estrangeiro vieram integralmente de empresas que comercializam apenas coleção própria.

EM PORTUGAL



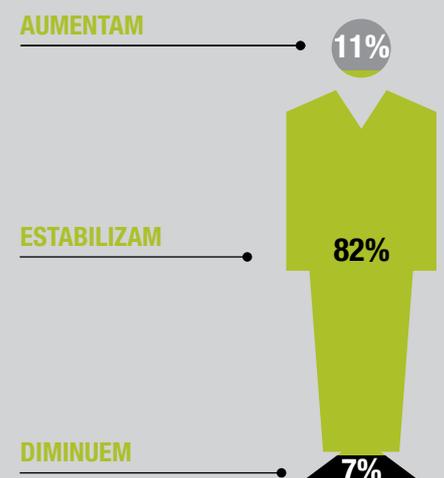
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

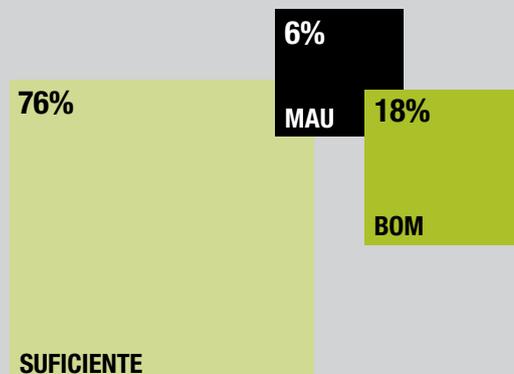
Apesar das previsões, para o emprego, menos animadoras registadas no período passado, os sinais positivos do segundo trimestre de 2016 continuaram a fazer-se sentir neste trimestre. O s.r.e. permaneceu em valores positivos, o que significa que as empresas que indicaram ter contratado (11%) foram em maior número do que as que indicaram ter dispensado (7%) pessoas. Houve, ainda, mais de três quartos das empresas inquiridas (82%) a responderem que o emprego estabilizou.



Estado dos negócios

Os sinais mais positivos sobre a conjuntura vêm precisamente da avaliação feita ao atual estado de negócios. O s.r.e. voltou a registar um valor positivo, contrariando o cenário do trimestre passado, tendo mesmo atingido um dos valores mais elevados dos últimos 3 anos (+12%), muito superior às previsões formuladas no trimestre anterior. Além disso, cerca de três quartos das empresas indicaram que o estado dos negócios foi suficiente.

Mesmo havendo indícios de uma melhoria significativa no estado dos negócios face ao segundo trimestre, 20% das empresas consideraram que a situação era mais favorável no período homólogo do ano anterior. Ainda assim, registou-se um desagravamento do s.r.e. neste domínio, passando de -10%, no trimestre passado, para -5%, agora, corroborando alguma tendência de evolução favorável.



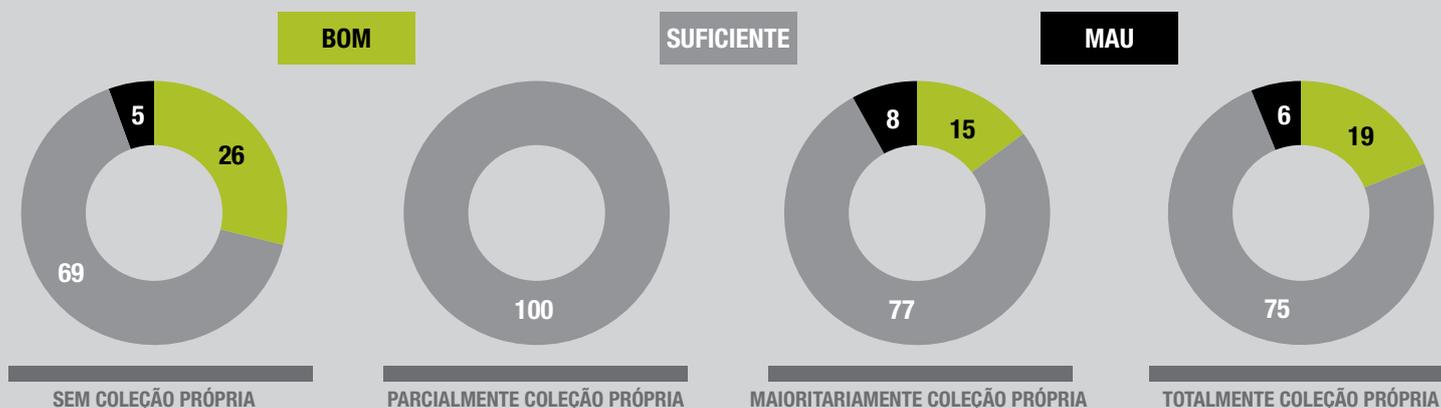
PERÍODO HOMÓLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

Numa análise por dimensão, à exceção das pequenas empresas, que apresentaram um s.r.e. nulo, todas as outras se mostraram satisfeitas com o estado atual dos negócios, registando um saldo que variou entre os dezoito e os quarenta por cento. No que toca à orientação exportadora, as empresas com a produção direcionada

totalmente para o exterior foram as únicas a registar um s.r.e. negativo (-4%), enquanto as orientadas para mercado nacional responderam unanimemente que o estado de negócios se manteve suficiente. O mesmo aconteceu entre as empresas que comercializam entre 5% e 50% de coleção própria.



Limitações à produção

A ligeira desaceleração da conjuntura, face ao trimestre anterior, fez-se notar principalmente nas dificuldades enfrentadas pelas empresas.

Desde logo, a percentagem de empresas que responderam não ter sentido qualquer dificuldade foi de apenas 20%, valor que é o mais baixo dos últimos dois anos e fica aquém dos 22% de inquiridos que, no trimestre passado, previram que não as iriam sentir.

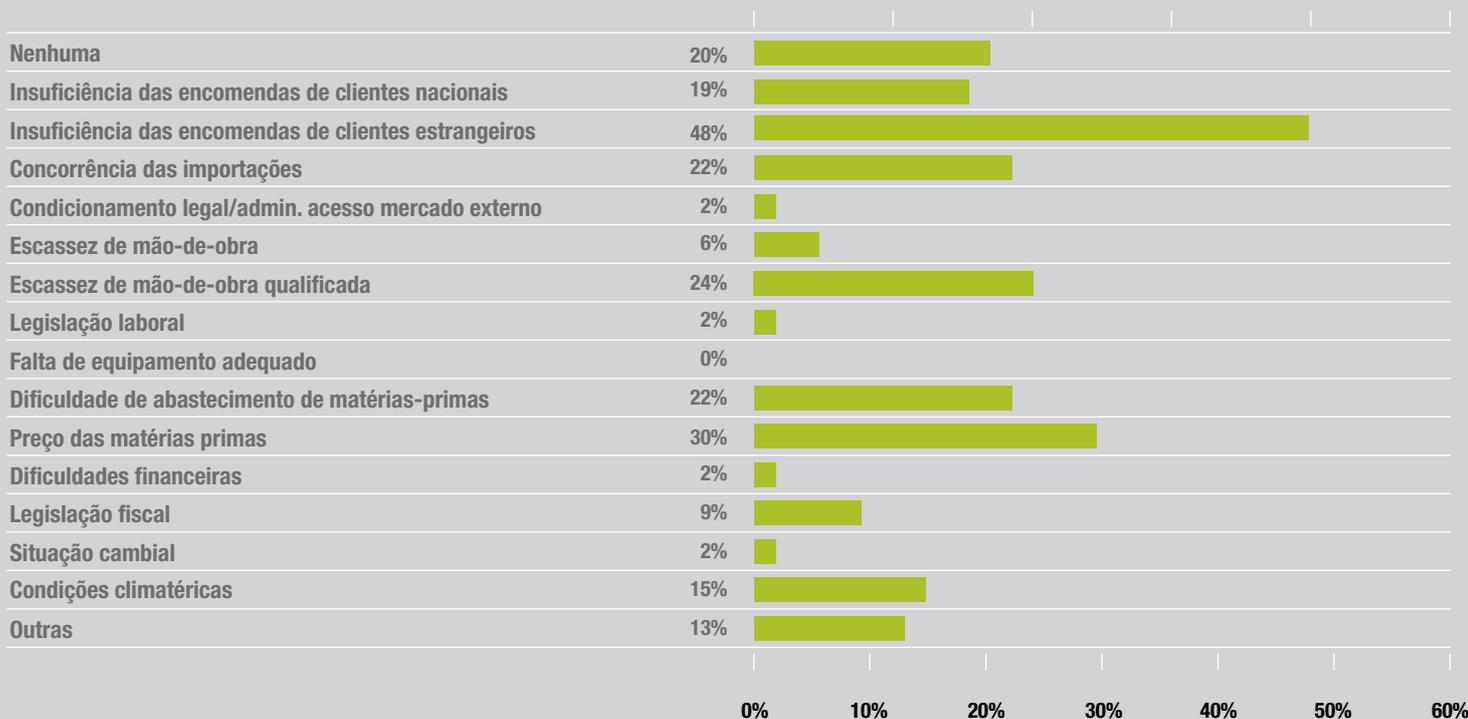
Este abrandamento justifica algumas variações registadas nas dificuldades diretamente relacionadas com a produção. As dificuldades com a escassez de mão-de-obra qualificada caíram de 28% para 24%, valor que foi de encontro às previsões. As dificuldades com o abastecimento de matérias-primas também registaram

um decréscimo, passando de 30% para 22%, e o preço das matérias-primas foi uma dificuldade para 30% das empresas inquiridas, em vez dos 33% que a mencionaram no trimestre passado. Em contrapartida, a percentagem de empresas que respondeu ter sentido escassez de mão-de-obra permaneceu nos 6%, sinal de que, mesmo com o aumento do emprego no setor e com o abrandamento da conjuntura, ainda há necessidades a suprir.

A insuficiência das encomendas de clientes estrangeiros foi sentida por quase metade das empresas inquiridas (48%) valor que, ainda assim, ficou abaixo do que as previsões apontavam. Também a insuficiência de encomendas de clientes nacionais sofreu um ligeiro agravamento, tendo sido mencionada como uma dificuldade por 19% das empresas.

As condições climáticas tiveram particular relevância este trimestre, pois para além de terem sido mencionadas por uma percentagem significativa de empresas, 15% (mais 8% do que no trimestre anterior), foram também a dificuldade que ficou mais acima das previsões passadas. Para além destas, também a percentagem de empresas que mencionou a legislação fiscal como uma dificuldade aumentou, passando para 9%, e 13% das inquiridas mencionaram outras dificuldades não especificadas.

As dificuldades financeiras e a situação cambial, depois de dois trimestres sem terem sido mencionadas, voltaram a ser referidas, embora apenas por 2% das empresas.



Tendências da produção

Mais de metade das empresas inquiridas (70%) espera que a produção do próximo trimestre estabilize. Mas, quase um quarto (22%) indicou esperar uma diminuição da atividade produtiva, e apenas 8% espera vê-la aumentar. Registou-se, assim, um agravamento do s.r.e., de -4 p.p. no trimestre anterior para -14 p.p. Enquanto as empresas que exportam

menos de 50% do seu volume de negócios são unânimes na expectativa de estabilização da produção, entre as orientadas predominantemente para os mercados externos as previsões de sentido negativo são mais numerosas do que as positivas.

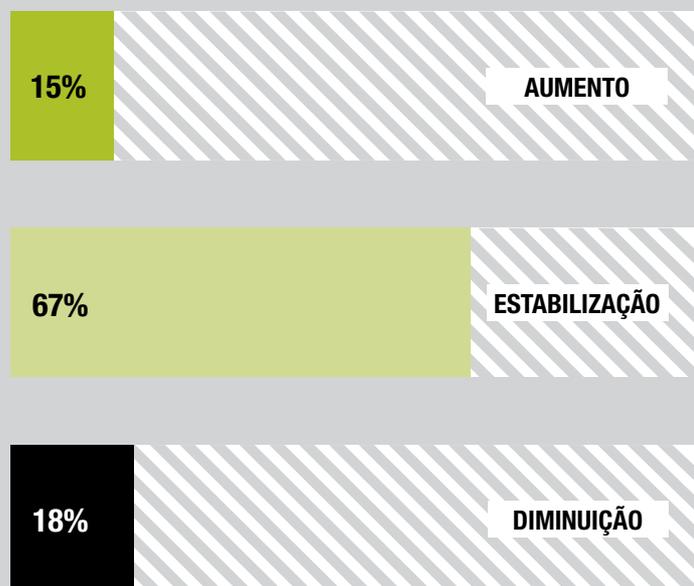


Perspectivas de encomendas

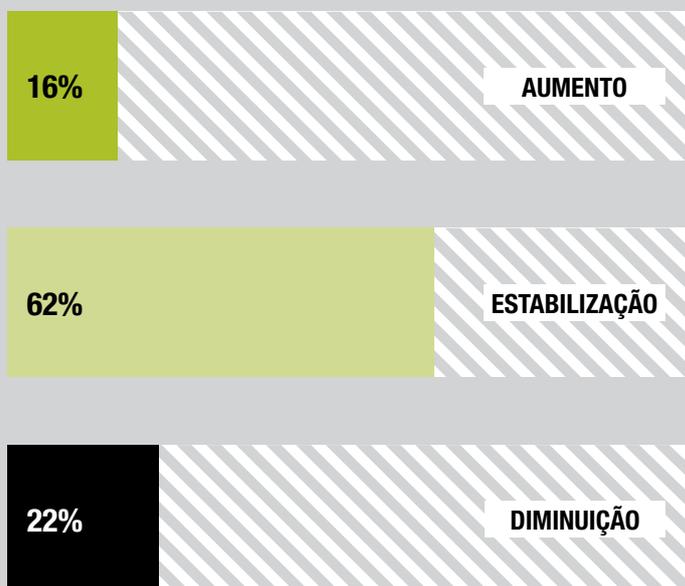
No que toca à carteira global de encomendas, a expectativa de dois terços dos inquiridos é de estabilidade. O desagravamento do s.r.e., que no caso da carteira global passou de -8 p.p. para -3 p.p. e das encomendas de estrangeiros de -7 para -6 p.p., mostra

também uma melhoria nas perspetivas das empresas. As empresas que comercializam apenas coleção própria apresentaram-se mais otimistas do que as restantes, no que toca às encomendas do exterior, mas mais pessimistas no global da carteira de encomendas.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

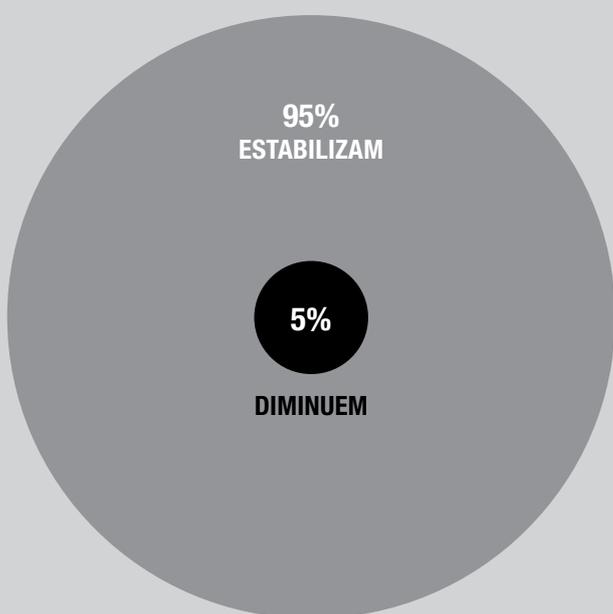


Perspetivas de preços de venda

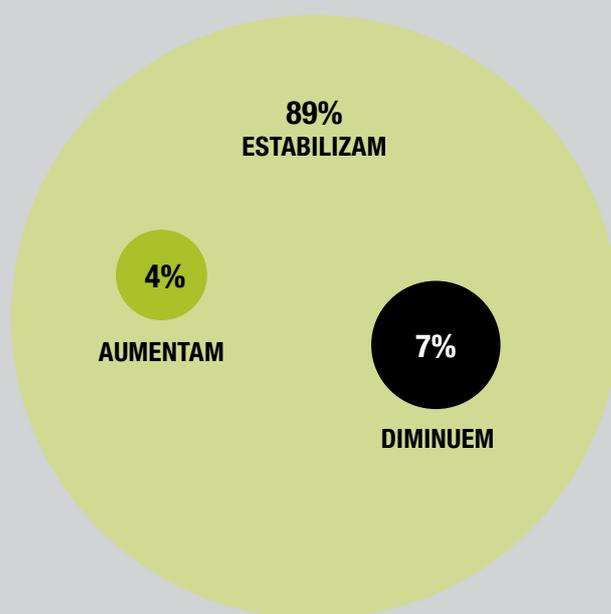
A tendência da estabilidade dos preços mantém-se nas previsões para o próximo trimestre, com uma percentagem de empresas na ordem dos 90% a responderem nesse sentido. Os s.r.e. esperados, tanto para os preços em Portugal como no estrangeiro,

permanecem negativos, acompanhando o observado no trimestre em análise. Mas, enquanto nenhuma empresa espera que se venha a verificar um aumento dos preços em Portugal, 4% responderam esperar que aumentem no exterior.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

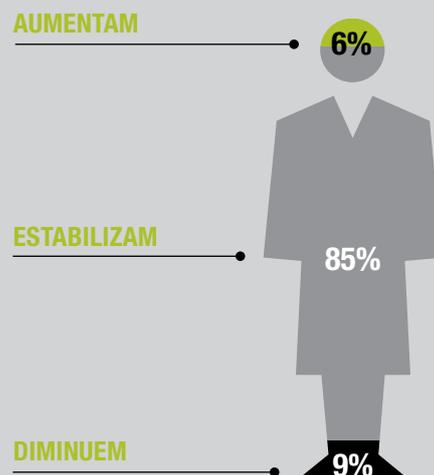


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



Perspetivas sobre o emprego

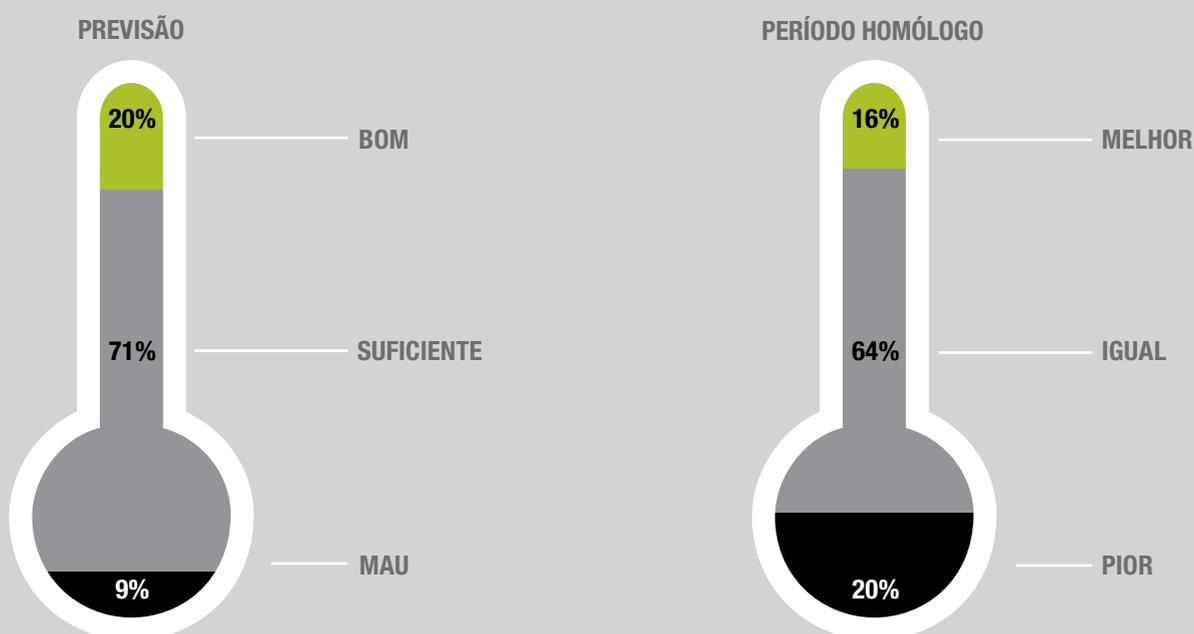
Contrariamente à tendência deste trimestre, as empresas que consideram poder vir a dispensar pessoas (9%) são mais do que as que esperam vir a contratar (6%), originando um s.r.e. de -3%. Ainda assim, a grande maioria das empresas (85%) espera não vir a ter necessidade de contratar nem despedir pessoas. As previsões de aumento do número de pessoas ao serviço vêm exclusivamente de empresas que se dedicam apenas à exportação.



Perspetiva sobre o estado dos negócios

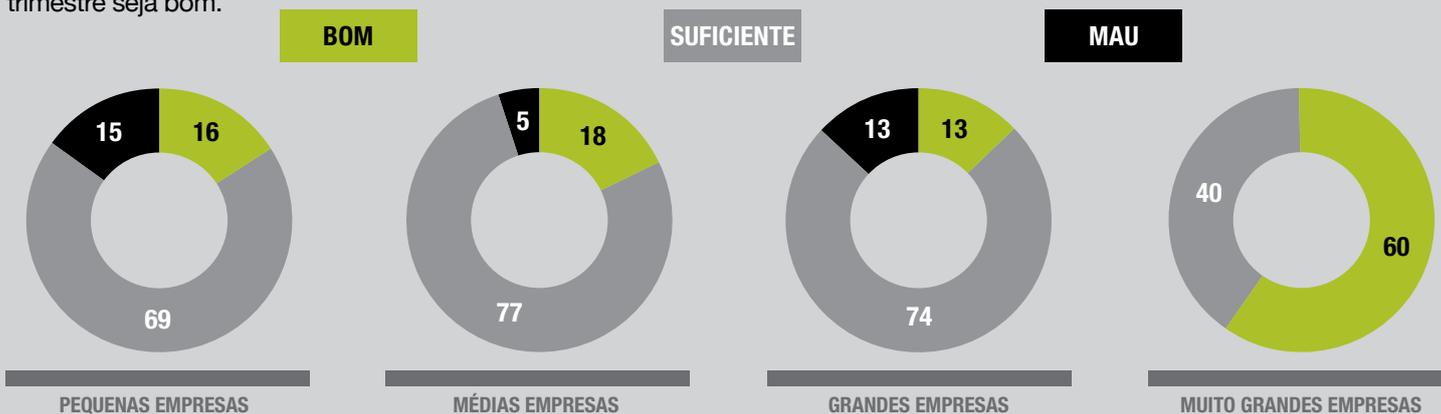
Apesar da tendência negativa das perspetivas avançadas nas questões anteriores, as empresas mantêm-se, em termos gerais, otimistas quanto à conjuntura. A grande maioria das respostas obtidas (71%) indicam que, no próximo trimestre, o estado dos negócios será suficiente e uma em cada cinco empresas acredita mesmo que será bom. O s.r.e. nesta matéria é de 11%, um dos mais elevados dos últimos dois anos.

Embora permaneça favorável, a conjuntura mostra sinais de abrandamento: apesar das previsões otimistas para o estado dos negócios no último trimestre do ano, houve 20% de empresas que indicaram esperar que este seja pior do que o registado no período homólogo do ano anterior e o s.r.e. neste domínio é negativo.



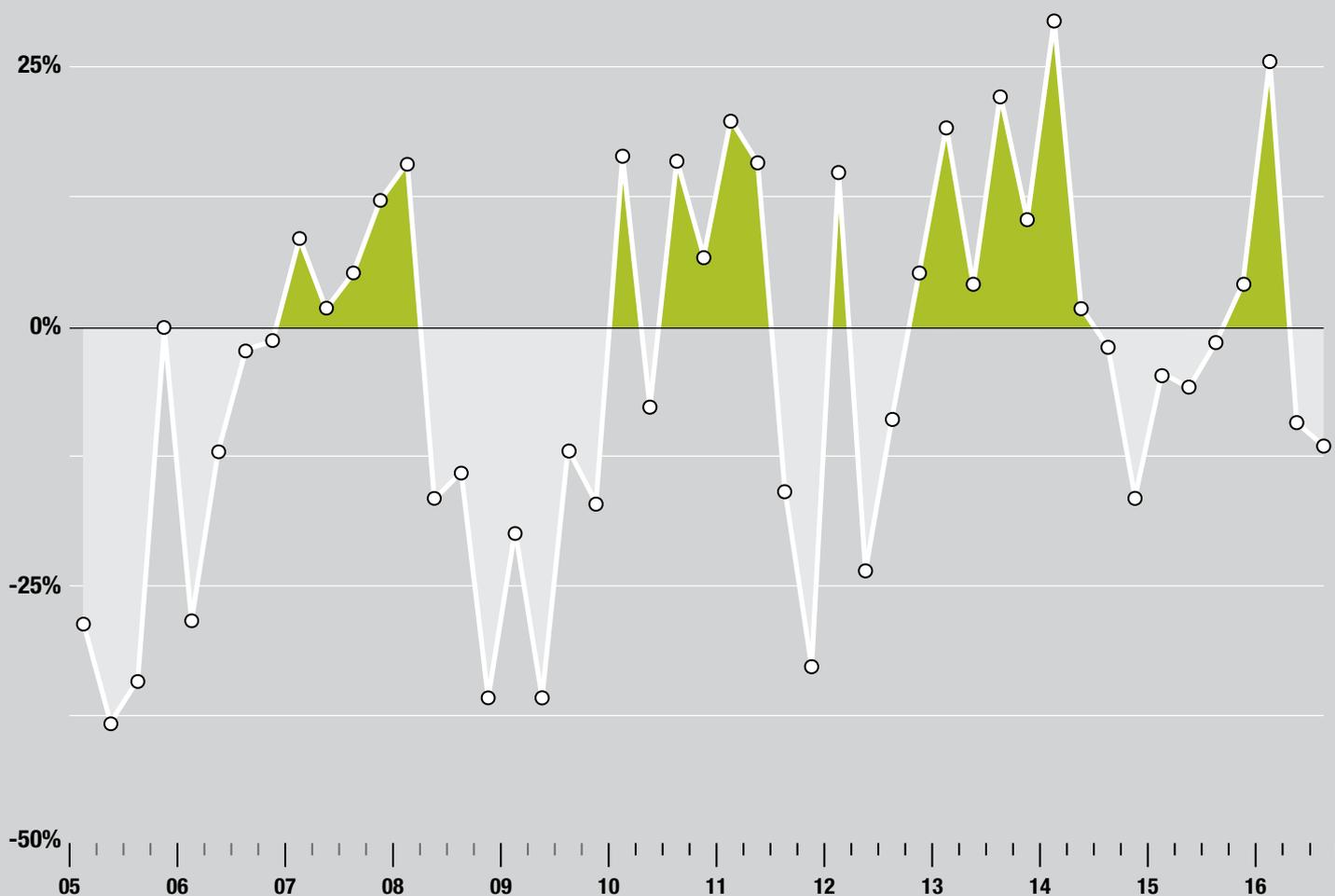
Apuramento dos resultados

Não havendo uma relação direta entre a dimensão da empresa para as expectativas apresentadas, as maiores foram as que apresentaram s.r.e. mais acentuadamente positivo, embora nenhum escalão de dimensão tenha registado saldo negativo. Mesmo sem uma relação significativa entre a orientação de mercado e as respostas obtidas, nenhuma empresa que exporte menos de 50% do volume de negócios indicou ter expectativas de que a situação venha a piorar, enquanto as opiniões são mais variadas entre as mais fortemente exportadoras. Em termos de coleção própria, as previsões das empresas que não a têm foram, claramente, mais positivas do que as restantes, com 32% delas a indicarem que esperam que o estado dos negócios no próximo trimestre seja bom.



Indicador de Síntese Expectativas Empresariais

Com exceção das relativas ao estado dos negócios, as perspetivas das empresas portuguesas do setor do calçado são, no final do terceiro trimestre, pouco otimistas. Consequentemente, o indicador síntese das expectativas empresariais voltou a registar valores negativos, tendo-se agravado face ao trimestre anterior. O valor agora registado é o mais baixo desde o último trimestre de 2014.



As previsões das dificuldades que as empresas esperam vir a enfrentar no último trimestre do ano estão, como seria expectável, em linha com as dificuldades sentidas no trimestre em análise. A maior preocupação das empresas inquiridas continuará a ser a insuficiência de encomendas vindas do estrangeiro, com 48% a mencioná-la. A concorrência das importações (22%) e a insuficiência de encomendas de clientes nacionais (20%) são também duas das dificuldades que mais inquiridos pensam vir a sentir. Com as expectativas de uma

conjuntura em baixa, as dificuldades esperadas ao nível da mão-de-obra, quer qualificada (19%) quer em geral (2%), e ao nível da matéria-prima, tendem a diminuir. Apenas 26% das empresas esperam que o preço das matérias-primas venha a ser uma dificuldade. A falta de equipamento continuará a não ser uma preocupação para as empresas do setor, mas a legislação laboral foi mencionada por 6% da amostra. As dificuldades com as condições climáticas tendem a diminuir (9%) e as restantes a permanecerem ao nível sentido este trimestre.

Notas de Conjuntura

O Governo apresentou em outubro a proposta de Orçamento de Estado para 2017. Neste documento, prevê-se que o crescimento real do Produto Interno Bruto no corrente ano seja de 1,2%, ficando 0,4 pontos percentuais aquém do registado em 2015, mas o Governo acredita que este segundo semestre será melhor do que o primeiro. De acordo com o cenário macroeconómico apresentado, em 2017, o crescimento do PIB deverá acelerar ligeiramente, atingindo 1,5%. As exportações deverão continuar a aumentar, crescendo 4,2%, e o investimento deve recuperar 3,1%, depois de cair 0,7% este ano. O consumo privado também deve aumentar, embora apenas 1,5%. Apesar do lento crescimento da economia, a taxa de desemprego deve continuar a diminuir, sendo de 11,2% este ano e de 10,3% para o próximo.

Nas previsões que divulgou em meados de outubro, antes da apresentação do Orçamento de Estado, o Núcleo de Estudos sobre a Conjuntura da Economia Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa apontava para um crescimento ainda mais modesto:

“(…) o NECEP mantém a previsão de crescimento para 2016 em 0.9%, em desaceleração face a 2015 (crescimento de 1.6%). ... Para 2017, a projeção central do crescimento mantém-se em 1.1%, refletindo um menor crescimento tendencial da economia, a incerteza sobre a política orçamental no próximo ano e, ainda, as perspetivas menos favoráveis para a economia mundial. Os principais riscos da economia portuguesa continuam a ser de natureza financeira, quer os relativos à capitalização do setor bancário, quer ao processo de consolidação das finanças públicas.”

NECEP/CEA Católica Lisbon, Síntese da Folha Trimestral de Conjuntura nº45, 3º Trimestre de 2016

Também as mais recentes previsões da Comissão Europeia, publicadas já depois de conhecido o Orçamento de Estado, estimam um crescimento da economia portuguesa mais reduzido do que o indicado pelo Governo:

“A recuperação económica prossegue, embora a ritmo modesto, impulsionada pelo consumo privado mas travada pelo fraco investimento. (...) prevê-se que o crescimento real do PIB em Portugal abrande para 0,9% em 2016, antes de acelerar ligeiramente para 1,2% em 2017 (...) Isto vai depender de um relançamento do investimento que, até agora, tem permanecido frágil e sensível à concretização de qualquer choque negativo. Por isso, os riscos da previsão inclinam-se no sentido da baixa.”

Comissão Europeia, European Economic Forecast, Outono 2016

Quanto ao conjunto da EU, as previsões da Comissão Europeia são igualmente cautelosas. O crescimento previsto para a maioria dos principais mercados do calçado português varia entre 1 e 2%, em 2016 e 2017. A exceção positiva é a Espanha que deve crescer 3,2% este ano e 2,3% no próximo.

“A economia da área euro continua a crescer modestamente mas permanece agravada pelos legados da crise e por elevada incerteza. (...) Ventos traseiros excepcionalmente favoráveis resultantes dos baixos preços das matérias-primas, da depreciação do euro e de uma política monetária muito acomodatória estão-se a esbater. O fraco crescimento global e a lentidão do comércio global já atingiram a economia. (...) o “Brexit” é um processo em curso em que o principal impacto vai depender do resultado das negociações de saída (...)”

Espera-se que o crescimento do PIB ao longo do horizonte de previsão se mantenha bastante constante, com 1,7% em 2016, 1,5% em 2017 e 1,7% em 2018. (...) O PIB deve crescer em todos os estados membros mas as suas posições em termos de recuperação e expansão permanecem substancialmente diferentes.”

Comissão Europeia, European Economic Forecast, Outono 2016

Em outubro, o Fundo Monetário Internacional publicou as suas mais recentes previsões para a economia mundial.

“Estima-se que o crescimento global abrande para 3,1 por cento em 2016 antes de recuperar para 3,4 por cento em 2017. A previsão, revista em baixa em 0,1 pontos percentuais para 2016 e 2017 relativamente a abril, reflete perspetivas mais modestas para as economias avançadas depois da votação de junho no Reino Unido a favor da saída da União Europeia (Brexit) e o crescimento mais fraco do que esperado nos Estados Unidos. Estes desenvolvimentos vieram colocar pressão descendente adicional nas taxas de juro globais, uma vez que se espera agora que a política monetária permaneça acomodatória por mais tempo.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook (WEO), outubro 2016

**PORTU
GUESE
SHOES**
DESIGNED BY
THE FUTURE